

# A INFLUÊNCIA E A REPRESENTATIVIDADE DO HIP HOP COMO FERRAMENTA DE EXPRESSÃO NA MODA E NO COMPORTAMENTO DA POPULAÇÃO AFRO ESTADUNIDENSE.

## THE INFLUENCE AND REPRESENTATIVENESS OF HIP HOP AS A TOOL OF EXPRESSION IN FASHION AND BEHAVIOR OF THE AFRO AMERICAN POPULATION.

MIRELA CECÍLIA ROCHA NAVA<sup>1</sup>

RODRIGO DA COSTA LIMA<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo compreender a influência que o movimento social e cultural chamado Hip Hop teve sobre a população afro estadunidense e como essa população se apropriou dos elementos e símbolos do Hip Hop para desenvolver sua própria estética, moda e estilo de vida. Para entender melhor sobre essa temática serão abordados os conteúdos sobre moda e música, contexto histórico e trajetória do Hip Hop, seus elementos e suas tendências ligadas a vestimenta e comportamento. O estudo se baseia em pesquisa de abordagem qualitativa, com objetivo descritivo, sendo construída a partir de levantamento bibliográfico em base de dados como revistas, artigos, livros e trabalhos de conclusão de curso, além de documentários. Dessa forma será possível compreender as diferentes faces do Hip Hop no comportamento da sociedade afro estadunidense, e também a sua atuação no campo da moda.

**Palavras-chave:** Moda. Hip Hop. Movimentos Sociais.

**Abstract:** This work aims to understand the influence that the social and cultural movement called Hip Hop had on the African American population and how this population appropriated the elements and symbols of Hip Hop to develop their own aesthetics, fashion and lifestyle. To better understand this theme, the contents on fashion and music, historical context and Hip Hop's trajectory, its elements and trends related to dress and behavior will be addressed. The study is based on research with a qualitative approach, with a descriptive objective, being built from a bibliographic survey in a database such as magazines, articles, books and course completion works, in addition to

---

<sup>1</sup> Graduanda em Design de Moda pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), Araranguá, SC, Brasil. E-mail: mirelarnava@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente da graduação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), Araranguá, SC, Brasil. E-mail: rodrigo.coslim@gmail.com.

documentaries. In this way it will be possible to understand the different faces of Hip Hop in the behavior of African American society, as well as its performance in the field of fashion.

**Keywords:** Fashion. Hip Hop. Social Movements.

## 1. Introdução

O presente trabalho busca compreender a influência que o movimento social e cultural chamado Hip Hop teve sobre a população afro estadunidense e como essa população se apropriou dos elementos e símbolos do Hip Hop para desenvolver sua própria estética, moda e estilo de vida. O recorte investigativo se dá em torno do comportamento dos sujeitos do movimento Hip Hop e suas influências no consumo por produtos de moda, que resultou em um novo nicho de produtores de tendências e consumidores específicos. O problema de pesquisa parte da seguinte questão: qual é a influência e a representatividade do Hip Hop como ferramenta de expressão na moda e no comportamento da população afro estadunidense?

A motivação para a investigação surgiu da entrevista da figurinista Jeriana San Juan<sup>3</sup> que atuou na construção da identidade visual dos personagens da série *The Get Down*, produzida pela Netflix. A série relata a história do Hip Hop com muita ênfase nas roupas, tênis, penteados e cultura dos anos 70. Na entrevista em questão revela-se o cuidado da figurinista na busca por imprimir as características reais do Hip Hop na hora de dar vida aos personagens. A visibilidade dos elementos na série facilita a compreensão de como o vestuário foi fundamental para a construção da identidade da juventude afro estadunidense, o que despertou o interesse no aprofundamento da pesquisa. Além disso, a busca por compreender como a moda foi uma forte aliada no processo de reconstrução da auto estima da comunidade negra.

De acordo com Micael Herschmann (2000) o Hip Hop nasceu como um forte referencial que permitiu a formação de identidades alternativas e de consagração para os mais jovens, em um momento que os antigos bairros e instituições locais (onde estes encontravam a sua identificação) estavam sendo destituídos.

A música, arte e moda são linguagens com forte influência sobre a consciência coletiva. A identidade criada a partir da música ajuda no entendimento da conjuntura sociocultural das cidades onde essas manifestações culturais são desenvolvidas. Nessa direção, o movimento Hip Hop se tornou um agente catalisador de novas experiências sociais e culturais para os jovens da periferia. A música exerceu um grande papel no surgimento do Hip Hop já que, além de principal veículo de manifestação da causa, foi o grande impulsionador de sua estruturação.

Souza (2004, p.69) afirma que:

“o surgimento do hip-hop está totalmente ligado à história da música negra norte-americana e a luta por mais espaço e visibilidade por parte dessa população. Os

---

<sup>3</sup>Figurinista da série “The Get Down” produzida pela Netflix entrevista disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/ypmjdm/bota-estilo-the-get-down](https://www.vice.com/pt_br/article/ypmjdm/bota-estilo-the-get-down)>.

guetos de Nova York que eram habitados em sua maioria por uma população negra e pobre, se caracterizou por ser o local onde surgiram as primeiras experiências dessa cultura. Assim o hip hop se difundiu para outras áreas, ganhando força principalmente nos centros urbanos que apresentam uma deficiente infraestrutura sócio urbana.”

Assim, além do Hip Hop estar diretamente ligado à música, ele também está conectado com a moda, sendo que por meio dela foi possível construir essa identidade visual e o comportamento da população que buscava o seu espaço e uma forma de manifestar a sua cultura. É possível afirmar que a moda reflete a busca da mentalidade social, ou seja, que ela expressa o comportamento e pensamento da sociedade num determinado contexto histórico. Segundo Wagner (2014, p. 21-29), “a moda é um reflexo do tempo em que é criada, vestida e usada”.

Neste trabalho serão discutidos: os conceitos sobre moda e música e como estão ligados diretamente; a história do Hip Hop, a fim de entendermos como esse movimento surgiu e se popularizou, o contexto histórico em que se encontrava a população afro estadunidense e as ferramentas de manifestações artísticas, a compreensão dos elementos que formam a estrutura do Hip Hop; as tendências que esse movimento traz ligadas a moda e ao consumo por produtos de moda, e por fim as considerações finais.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Moda E Música**

De acordo com Braga (2005a, p. 22), “a palavra moda vem do latim *modus* que significa modo, maneira” e abrange muito mais do que o universo da vestimenta. A moda pode ser considerada um meio de expressão poderoso que permite a reflexão e a apropriação dos sentidos. Envolve fatores econômicos, sociais, culturais e auxilia na construção da identidade por meio dos símbolos que disponibiliza. A linguagem da moda permite o conhecimento de nossa própria realidade antepassada e momentânea, é capaz de distinguir determinada época por ser dotada de um objeto concreto e visível: a roupa (FREIRE, 2011).

É possível dizer que a moda se torna um reflexo do tempo, espírito de uma época, que imprime a identidade visual de uma cultura local, de um período específico, expressa os costumes, hábitos, gostos e simboliza a mente humana. Não somente a roupa que um indivíduo usa, mas os lugares que ele frequenta, o que ele escuta, o grupo de amigos que ele se relaciona, e o modo como vive. Todas as esferas traduzem quem somos, um ato de se comunicar ao consumir (CALDAS, 2005).

Assim como na moda surgem constantes inovações de cores, texturas, formas e design, a música também é um reflexo do tempo aberta a essas transformações. Ela está sempre em constante movimento, é um instrumento de comunicação utilizada desde a origem da humanidade, que traduz sentimentos, imprime emoções, expressividade, intensidade e identidade. Norogrande e Benetti (2016) afirmam que “a música e a moda constituem signos semióticos de respectiva origem visual, tátil e sonora cuja representatividade está vinculada ao ambiente cultural no qual estão imersos”.

Por meio da música, a moda é difundida possibilitando a criação de um novo estilo. Já a moda se apropria da música para criar simbologias que representam os estilos musicais. A música acaba se tornando a voz da moda, e a moda, a representação visual da música. O homem precisa mudar constantemente sua forma de se apresentar e de se representar dentro da sociedade, moda e música testemunham esse poder para mudar e inventar sua maneira de aparecer, as duas juntas se tornam sua voz para esta representação (SVEDSEN, 2010).

Moda e música são dois poderosos meios de expressão que se inspiram e se complementam, ambos munidos de uma enorme carga histórica e emocional. Esses fenômenos são passíveis de evidenciar acontecimentos específicos de cada época, refletindo importantes mudanças da sociedade, sejam econômicas, políticas, sociais, culturais ou artísticas (ROBERTO apud NOROGRANDO; BENETTI, 2016, p. 231).

A identidade é um aspecto pelo qual os dois elementos se interligam através de propriedades como comportamentos, atitudes, posicionamentos, convicções, estilos, crenças, valores, etc. Ela se caracteriza como aquilo que distingue o indivíduo por semelhanças em um determinado grupo, como a forma de se vestir e o estilo de música que escutam. Assim é possível perceber que as pessoas buscam ser diferentes construindo seu próprio estilo, mas também buscam referências as quais possam se identificar, suprimindo as necessidades de singularidade e pertencimento. Existe uma interação visível entre as duas partes, quando a roupa serve como manifestação que reforça gostos musicais, estilo e tendências. Mas, acima de tudo resulta entre a soma das imagens sonoras e as imagens visuais. (NOROGRANDO e BENETTI, 2016).

Assim a relação entre moda e música representa um papel de suma importância na construção e expressão de novas identidades, porque se torna um modelo de ideais que deixa de seguir certos padrões de criação, e se inspira, cada vez mais, na produção cultural urbana. São elementos fortes de mudança, de expressão de quem o indivíduo é ou busca ser e a forma que encontra para manifestar ou reafirmar o seu pertencimento diante da sociedade (CRANE, 2006).

## **2.2 Hip Hop – Trajetória De Uma Cultura Urbana**

O Hip Hop teve origem na década de 70, no sul do Bronx, um dos cinco condados do Estado de Nova York. Entretanto, embora o surgimento do Hip Hop tenha começado nos anos 70, foi apenas em meados da década de 80 que o movimento passou a ser visto como arte. Desde o seu início, o ritmo musical estabeleceu uma forte crítica social se colocando entre a arte e a política (KITWANA, 2002).

A gênese histórica do Movimento Hip Hop está diretamente ligada ao contexto social, econômico e cultural que passava a sociedade norte-americana, especialmente a população das periferias. O ritmo que expressava a consciência negra também carregava uma aura conflitiva social com características revolucionárias. Além disso se tornou uma forma de representação para os jovens promovendo o estabelecimento social (HERSCHMANN, 1997).

O movimento teve um grande impacto em relação às discussões raciais e desigualdade em todo o mundo, trouxe mais visibilidade para a juventude negra, dando o poder de expressar sua identidade, libertando-se das amarras limitantes do homem branco. Aos poucos tornou-se voz da periferia e da juventude afro estadunidense, que precisava buscar maneiras para se expressar e tomar

espaços públicos como forma de pertencimento e apropriação. Conforme Marcuse (1990, p. 248) nesse momento, as artes passaram a ter um posicionamento político, de protestos, repulsa e recusa pelo mesmo.

Para uma compreensão mais ampla da força do Hip Hop é preciso buscar um pouco das origens do movimento negro. Ainda no período da colonização, no século XVI iniciou-se na América o processo de construção da identidade dos negros retirados da África para iniciarem um doloroso processo de colonização. O fim da escravatura no século XIX foi um marco histórico, mas mesmo após a oficialização do homem negro ser um homem livre, a desigualdade racial ainda era evidente. O negro americano, por décadas esteve fadado à uma vida escondida e amedrontada, não restavam muitas alternativas para este grupo social a não ser viver na humildade e pobreza ou ter a coragem de se permitir andar na rua, agir como cidadão comum, porém que podia a qualquer momento ser vítima da violência urbana e racista. Sendo assim, mais uma vez o caos psicológico e social é lembrado como fator para desenvolvimento de uma contracultura, "A paranoia é tão vital para a sobrevivência quanto o sangue" (MAILER, 1957).

Nos Estados Unidos da América o povo negro vivia um cotidiano violento que incluía o descaso do Estado e à falta de políticas públicas para a população periférica. No século XX a segregação racial manteve-se como um dos pilares estruturais da sociedade estadunidense. Durante esse período chamado de Era Progressista, se estruturou as Leis de Jim Crow. O conjunto de leis promovia a divisão social de pessoas brancas e pessoas negras em espaços públicos como escolas, transportes coletivos, banheiros e à proibição do direito ao voto. As leis se mantiveram ativas até meados de 1965.

Muitos estados americanos, principalmente os do Sul, onde a escravidão foi mais difundida, possuíam leis semelhantes às do apartheid até meados da década de 60. Nos ônibus, tinham bancos separados para negros e brancos, em boa parte dos lugares os negros nem podiam entrar. Até 1954, as escolas públicas eram ou para brancos, ou para "pessoas de cor". Tudo isso na mesma época em que os americanos travavam a Guerra Fria com a União Soviética. (PIMENTEL, 1997, p. 1).

Segundo Pimentel (1997) a semente do hip hop se encontrava em outros movimentos sociais que antecederam os anos 70, como as lideranças que lutavam em defesa da autonomia afro-americana, Martin Luther King que defendia o não cumprimento de regras segregacionistas criadas e impostas por homens brancos, Malcom X que reivindicava os direitos civis e o caráter identitário da população negra, o famoso movimento intitulado de *Black Panther*, os Panteras negras, que surgiram um ano após a morte de Malcom X, em 1966.

Influenciados por essa onda de protestos, eles se organizavam como partido com discursos que exigiam liberdade, emprego, o fim da exploração do homem branco na comunidade negra, o fim da brutalidade policial, que julgamentos não fossem influenciados pela cor, entre outros direitos. Tentavam conscientizar os jovens para a necessidade do confronto com as injustas práticas racistas e tinha como hábito acompanhar patrulhas policiais para evitar que negros fossem maltratados. O caráter militante dos jovens negros no hip hop anos depois, veio justamente dessa influência dos Panteras, que questionavam as posições socioeconômicas dos negros na sociedade norte-americana (GEREMIAS, 2006).

**Figura 1:** Uniforme do grupo panteras negras em 1968.



**Fonte:** ALMEIDA (2015).

O período que sucedeu as grandes manifestações, as conquistas pelos direitos civis, é também uma data emblemática para a comunidade negra norte-americana. Muitas referências musicais de origem negra começam a ganhar espaço nos Estados Unidos, a porta de entrada para o Hip Hop foi através do Jazz, que dominava Nova Orleans, já em Mississipi havia o Blues, e em Nova York eclodiu o Hip Hop. O South Bronx se tornava uma região marcada por gangues, como "*Black Spade*" que era integrada por jovens negros, e também os "*Ghetto Brothers*", gangue integrada por jovens latino-americanos, *Black Spade* e *Ghetto Brothers* disputavam entre si os territórios de Nova York (CHANG, 2005).

Os grupos eram compostos por homens jovens, negros e latino-americanos, na sua maioria, imigrantes vindos da Jamaica. A polícia fazia o seu papel de reprimir as disputas com armas de fogo, mas não surtia efeitos positivos, a criminalidade e a violência continuavam, essas lutas trouxeram várias mortes e dezenas de prisões. O hip-hop ajudou a transformar violentas rivalidades entre gangues locais através de competições verbais e musicais entre os grupos de rap promovendo o movimento cultural através da música (SHUSTERMAN, 1998).

De acordo ainda com Chang (2005), esse período de guerras só se encerrou a partir de um acordo de paz que foi construído e constituído pelos membros de ambos os grupos. O documento oferecia o pedido pelo fim das disputas de territórios. As lideranças das gangues atenderam ao pedido de paz, articulado pelo jovem líder Afrika Bambaataa, que há pouco havia assumido a gangue *Black Spade*.

Afrika Bambaataa ganhou ainda mais destaque oficializando o nome Hip Hop, em 12 de novembro de 1973, junto a instituição chamada *Universal Zulu Nation*, que promovia encontros semanais para reunir jovens a fim de se manifestarem artisticamente, resultando em trégua entre as gangues para curtirem o momento e se divertirem sem medo. O lema da instituição era "paz, amor,

união e diversão” que foi um forte aliado no crescimento do movimento de rua chamado Hip Hop. (LEAL, 2007, p. 25).

Kevin Donovan, também conhecido como Afrika Bambaataa foi uma das figuras mais importantes e expressivas do movimento, envolvido com produção de festas de rua, ele organizava os encontros da comunidade negra para se divertirem. Após sugerir que as gangues deixassem de lado as lutas reais e passassem a fazer disputas de cunho artístico, ele deu início à uma nova era. Além de Kevin Donovan, nomes como Clive Campbell (DJ Kool Herc) e Joseph Saddler (DJ Grandmaster Flash) também foram importantes no movimento. Ambos conviviam nas ruas do Bronx, na cidade de Nova York, e observaram as mudanças dos conflitos gerados pelos protestos e confrontos de gangues, para as batalhas de dança, de rima e as festas. A diversão e a paz ganharam espaço junto a forte disseminação do Hip Hop e da sua essência.

### 2.2.1 Elementos do Hip Hop

Os chamados elementos do Hip Hop são considerados os componentes artísticos que caracterizam o movimento ao assumirem papéis fundamentais dentro dele. Podem ser considerados a materialização da influência do Hip Hop na sociedade, através dos aspectos visuais e sonoros. A linguagem corporal e verbal, a atitude que ela gera no cotidiano, e o estilo que ela reflete na prática, cooperam para tornar possível dar significados palpável para as reações do movimento. Inicialmente, era possível descrever o Hip Hop em apenas cinco elementos (*Dj, Rap, Breaking, Graffiti e Mc*), mas a expansão da cultura urbana ultrapassou barreiras, aumentando a comercialização do rap e a descoberta de novas vertentes (KITWANA, 2002).

Segundo Ferreira (2005) é possível afirmar que existem três segmentos e quatro elementos, os três segmentos seriam a dança, a música e o desenho, representados pelo *Breaking*, o Rap e o Grafite. E os quatro elementos representados pelo Dj, o Rap, o *Breaking* e o Grafite. E como quinto elemento a ser citado, seria o Conhecimento e a Sabedoria, presente nas atividades educativas que conscientizavam a população periférica, nas letras que carregavam mensagens de empoderamento, conscientização política, e reflexões sobre o papel social do jovem negro nos Estados Unidos.

Costa (2005) afirma que o movimento pode ser definido através da trilogia sagrada do Hip Hop. Em primeiro lugar está o Rap que significa a música, o poder sonoro que conecta pessoas. Em segundo lugar a plástica, representada através das artes visuais retratadas no *graffiti*, e o terceiro elemento que compõe a trilogia seria a dança, associada ao *Breaking*. O movimento conversa com todas as artes, dando espaço para a juventude se identificar, participar e se manifestar em diversas vertentes.

É usual que seja principalmente através dos gostos e escolhas musicais, artísticas, esportivas, que os jovens vão elegendo um ‘estilo’ para si, um modo de ver o mundo e se posicionar nele e de expressar esse seu posicionamento. Por isso, ao invés de ser um campo propício à alienação, tem se mostrado mais como de motivação, criação e mobilização. É o que tem propiciado o aparecimento do maior número de ações coletivas entre os jovens, e também de articulação, como a formação de

grupos, associações, 'tribos', movimentos, tais como o hip hop, o punk, os skatistas, os grupos de dança, de grafite, de capoeira etc (ABRAMO, 2001, p. 1).

Para Fochi (2007) o Hip Hop vai muito além do contexto de artes plásticas, dança e ritmo musical. Através do movimento cultural, muitos jovens tiveram seus valores moldados, ressignificados e aprenderam a pensar e agir sob uma nova perspectiva, que agora lhes apontava a necessidade de ser visível. Quando se manifestavam através da dança, música, grafite, não estavam ali apenas se exibindo, mas provando que também possuíam capacidade artística. Lugares onde pessoas de cor não frequentavam, o Hip Hop tornou possível o acesso.

### **2.2.2 Elemento: Rapper, MC (*emcee – emcing*).**

A história norte americana registra a presença de homens negros escravizados que trabalhavam nas lavouras e eram conhecidos pela população como *griots*. Os *griots* utilizavam do canto falado para divertir as pessoas, alegrar as noites dos seus companheiros, resistir às opressões causadas pelos senhores de escravos, e até mesmo contar histórias que fossem melhores compreendidas. Leal (2007) afirma que inspirado nessa forte referência dos seus antepassados, surgiram os mestres de cerimônia, conhecidos como *Mc* ou *Rapper*. O *Mc*, é o autor responsável por animar os espaços e provocar o público com a sua narrativa. Sem a batida produzida pelo *Dj* associada com a rima escrita e cantada pelo *Mc*, não há Hip Hop, pois a música é a orientadora da junção de todos os demais elementos, criando uma ponte que une o ritmo musical com a construção da identidade negra da população afro estadunidense.

No início dos anos 70, segundo Pimentel (1997), os guetos norte-americanos recuperaram a tradição poética dos seus antepassados, a necessidade de se expressar através da escrita abraçava a luta política que aquele movimento histórico vivenciava com tamanha intensidade. O rap era acessível até mesmo para aqueles que nunca haviam tido experiências musicais, ou conhecimento apurado. No começo os versos eram criados no improviso, com o intuito de mandar recados para a plateia. O improviso com o microfone ficou conhecido como *Freestyle*, que exigia dos Mcs muita habilidade para cantar e rimar de forma articulada sobre qualquer temática.

### **2.2.3 Elemento: DJ (*deejay – djing*)**

De acordo com Chang (2005) Clive Campbell, também conhecido como DJ Kool Herc, é considerado um dos fundadores do Hip Hop, o responsável por adaptar o *sound system*, caixas de som e *mixer* junto aos toca discos, e possibilitar através disso a repetição infinita de alguns sons, ou a mistura de sons distintos numa só batida, o que facilitou o desenvolvimento do *BreakBeat*, que ficou conhecido por ser um *sampler* de Hip Hop, Funk e Eletrônico. Herc costumava imitar o estilo dos *Djs* Jamaicanos, mas tinha um diferencial, adicionava uma fala enquanto fazia os discos girarem. Os projetos sonoros inovadores para a época fizeram o Dj observar as reações do público, que costumavam esperar por uma determinada parte do disco para voltarem a dançar, os movimentos aconteciam nos intervalos de troca entre uma batida e outra, e se movimentavam de forma diferente



para que os passos encaixassem com as batidas. Nomes como Grandmaster Flash e Afrika Bambaataa também se destacaram no cenário de Djs.

Afrika Bambaataa, inovou utilizando trechos de hits de James Brown, sons eletrônicos de Trans-Europe Express, bandas alemãs como Kraftwerk, que posteriormente serviu de base para o surgimento de um novo ritmo conhecido como Miami Bass. Já o Grandmaster Flash leva os créditos pela invenção de uma das características mais famosas do Hip Hop, os *Scratch*, técnica de arranhar os discos em sentido anti-horário utilizando a agulha do toca-discos. Nas festas que Flash organizava, ele costumava deixar o microfone disponível para qualquer pessoa do público falar, cantar ou rimar livremente, enquanto ele tocava. Através desse palco aberto, ele possibilitou a aparição dos primeiros rappers. Junto com outros 5 *Mcs*, foram os pioneiros a formar um grupo de rap em Nova Iorque, nomeado como *Grandmaster Flash and The Furious Five* (VIANNA, 1987).

#### **2.2.4 Elemento: Breaking (B.boy e B.girl)**

As batidas tinham espécies de pausas, interrupções, chamadas de quebras entre uma música e outra, e a dança servia de experimentações rítmicas para mostrar as infinitas possibilidades de se manifestar corporalmente. Os corpos se movimentavam de forma robotizada e evoluíram para movimentos com acrobacia, saltos e performances. Chang (2005) afirma que DJ Kool Herc foi o responsável por batizar os dançarinos de *B.boys* e *B.girls*. Inicialmente os grupos de dançarinos de *breaking* eram formados por meninos, as *B.girls* apareceram depois de acompanhar o movimento das festas de forma mais tímida.

De acordo também com Pimentel (1997) aos poucos a dança ganhava mais adeptos, tornando-se uma das formas de respostas mais populares dos grupos locais. Com isso, o *breaking* foi se popularizando e consolidando o *street dance*, a dança das ruas. Por esta expressão corporal surgiram as primeiras organizações, chamadas de *crews* ou gangues, que deram espaços a Nação Zulu, *Street Warriors*, *Crazy Crew*, *Back Spin Break Dance* e outros famosos nomes da dança.

#### **2.2.5 Elemento: Graffiti (grafiteiro, tag – pixo)**

Conforme Stowers (2012) o grafite feito em espaços públicos como monumentos, paredes, placas, trens, muros, era considerado uma intervenção arquitetônica, e antes de se tornar um grafiteiro ou uma grafiteira, era necessário você escolher um novo nome, também conhecido como *Tag*. Os primeiros rabiscos com estes novos nomes inventados, foram datados na época da guerra civil norte-americana, criados pelos jovens soldados que retornavam aos seus lares após o serviço militar pós-guerra.

Cada uma das assinaturas tinha um propósito, apropriar-se dos espaços urbanos era encarado pela juventude como mais uma oportunidade de se tornar visível. Com o passar do tempo, havia a aparição de desenhos sem significados claros. A mudança ocorreu inicialmente na cidade de Nova York (EUA) durante o aumento da migração dos latino-americanos para a região. Além da diferença dos nomes, através da caligrafia era possível identificar de qual região vinha o autor da

escrita, qual gangue ele pertencia, e quais eram as suas ideologias. No universo do Hip Hop o grafite serve como divulgação de grupos em relação a afirmação de posse por territórios.

Em um muro do centro da cidade, uma pintura feita em tinta spray se destaca, mostrando realidades ignoradas pela grande maioria dos que ali passavam. Bem longe daquele lugar, algumas pessoas se reúnem em uma esquina ao som de uma batida forte e marcante, comandada por um parceiro que maneja alguns discos de vinil, outras dançam, criando passos que desafiam as leis da física que conhecemos. E um indivíduo, lá no fundo, comanda tudo, fazendo rimas e cantando de forma quase falada. Aí está a essência do Hip Hop (RICHARD, 2005).

### **2.3 A identidade do vestuário construída através do Hip Hop**

O Rock, Punk e o Hip hop fazem parte dos chamados movimentos subculturais e contraculturais. A contracultura é um ciclo indispensável para a sociedade, ela traz consigo a renovação de valores e representa a evolução intelectual da humanidade. A literatura, moda, música e artes plásticas estão diretamente ligadas aos movimentos de contracultura. A compreensão desses movimentos se tornou uma alternativa para a juventude se opor as modas dominantes da época. Através da música e da comunicação que ela possibilita, as roupas se tornaram partes do reflexo das relações estruturais que o indivíduo está inserido, logo, a forma de se vestir é um processo essencial na individualização e na afirmação social (LOUD apud JOY & GOHHMAN, 2007).

Uma das formas mais visíveis de consumo é o vestuário, que exerce um papel de extrema importância na construção social da identidade. A escolha do vestuário permite um campo amplo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura em prol do seu próprio uso. O vestuário indica como as pessoas em suas diferentes épocas, enxergam sua posição nas estruturas sociais e negociam fronteiras de status (CRANE, 2006).

Para os apreciadores do Hip Hop as roupas tem um significado ainda mais forte, pois elas assumem um papel ao longo do desenvolvimento que está voltado a caracterização dos seus admiradores, o que se tornou um símbolo da ideologia. Para pertencer ao grupo, você precisa se parecer com o grupo. O uso de um tipo de roupa servia como um dispositivo que auxilia na expressão da cultura perante a sociedade (BERGAMO, 2007).

De acordo com Downing, (2001) os jovens negros valorizavam muito as mensagens que pudessem ser transmitidas através de seus cabelos. Uma forma de empoderamento para a comunidade negra que sempre foi desvalorizado por ter um cabelo fora da estética branca. Os cabelos variavam de tranças de todas as formas, dreadlocks, penteados volumosos, cabeças raspadas com desenhos estampados no couro cabeludo, que normalmente serviam de homenagem a grandes líderes, como Malcom X, onde os jovens estampavam a letra X no couro cabeludo.

Os movimentos da contracultura propiciaram a onda do "*black is beautiful*" (preto é bonito), em que o negro finalmente pôde ter orgulho de suas características físicas. Os cabelos alisados deram lugar aos crespos naturais e o corte *black-power* virou moda. Os aspectos físicos passaram a ser destacados de diversas formas como em maquiagens coloridas e os tecidos étnicos ganharam as ruas virando uma forte tendência (BARROS, 2005).

**Figura 2:** Estilo de Afrika Bambaataa .



**Fonte :** Gettyimages (2020).

Antes mesmo de abraçar alguns dos elementos do Hip Hop, era necessário construir uma identidade visual própria, e para isso, os negros norte-americanos começaram a consumir produtos que até então eram destinados exclusivamente a elite branca, no intuito de mostrar que também poderiam utilizar daqueles produtos, criando um estilo inédito ligado a grandes grifes e ao Hip Hop. Essa emancipação dos negros ao enxergarem a moda com mais liberdade, deu a comunidade o direito de se vestir à sua maneira e a partir desse momento, a indústria da moda enxergou a comunidade como um novo nicho de consumidores específicos (ROMERO, 2012).

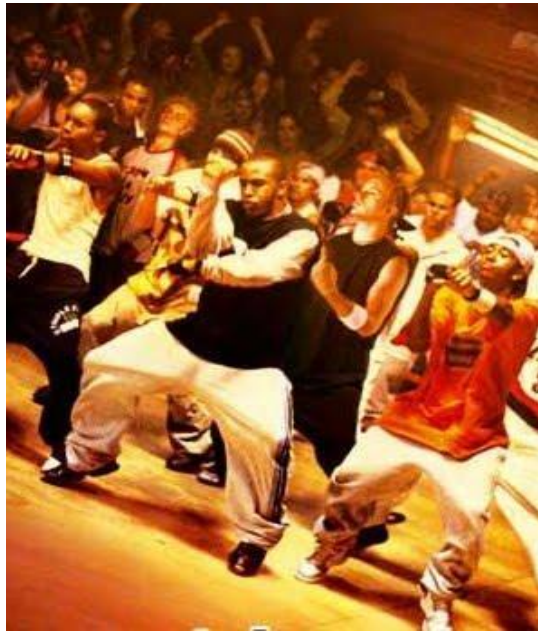
De acordo com Herschmann (2000, p. 281) os jovens passaram a consumir de forma diferente, isso gerou um novo circuito de produção e consumo. O consumo não estava mais associado apenas ao interesse, mas a questões políticas. Era momento de buscar algo que representasse sua identidade, mas também algo que afirmasse o empoderamento negro.

Segundo Crane (2006) o consumidor se tornou um intérprete sofisticado que busca por produtos que possam expressar sua persona. Na geração pós-moderna, a moda não é mais apresentada como uma vilã que impõe o que deve ser seguido enquanto os consumidores são vistos como vítimas, hoje ela é vista como uma escolha que faz parte da construção de uma aparência individual. A moda de rua se fortaleceu juntamente com a expansão das improvisações e inovações do mercado da música. As tendências de vestuário que surgiram através da moda de rua se espalharam rapidamente gerando uma lucratividade muito acima do esperado pelas confecções, que passaram a atender imediatamente o mercado jovem, que era influenciado pelos músicos de rap e os bairros periféricos.

Para comparecer nas festas de rua, os dançarinos de *break* iam devidamente trajados. Os figurinos utilizados na apresentação precisavam facilitar a mobilidade, e também ser diferente dos demais. Quase sempre as escolhas de figurino remetiam ao visual de um uniforme de atleta. As calças eram largas de poliéster ou moletom, para dar movimento aos passos, jaquetas, camisetas, os bonés

distinguiam os grupos e protegiam os dançarinos nas performances solos com acrobacias e saltos (POLHEMUS, 1997).

**Figura 3:** Dançarinos de *break*.



**Fonte:** Artes Performativas (2011)

O crescimento da moda urbana trouxe peças como jaquetas de couro e jaquetas jeans, muito utilizadas pelas gangues, chapéus de kangol, boinas e bonés, conjuntos esportivos que passeavam pelas marcas já consagradas Adidas, Nike, Puma. Uniformes de basquete, camisetas de times, peças largas eram características fortes da moda Hip Hop (WILSON, 1989).

**Figura 4:** Jaquetas grafitadas.



**Fonte:** Documentário "Fresh Dressed" (2015).

As estampas grafitadas nas costas das jaquetas eram referência às gangues que costumavam customizar a parte traseira das peças para que pudessem ser identificados. As peças se tornaram febre e posteriormente se difundiram como tendência. A moda Hip Hop, possuía peças despojadas, esportivas e confortáveis. Para Mizrahi (2007) o vestuário feminino fazia oposição ao vestuário masculino, sendo diferenciado pelo gênero. Assim como o masculino envolvia roupas largas e com movimento, o feminino valorizava o corpo curvilíneo e sinuoso. As mulheres elaboravam nas maquiagens coloridas e no *gloss*, nos acessórios dourados e pratas como argolas, anéis, colares, que remetiam as cantoras norte-americanas nas quais a juventude se referenciava, e também aos penteados de cabelo com tranças, técnica de pentear chamada *Baby Hair* e a aceitação e popularização de diferentes cortes que valorizavam o cabelo afro natural.

A moda de rua surge como uma nova ideia de expressão que é produzida diariamente por inúmeras pessoas que circulam pelas ruas da cidade, e é dessa forma que surge o *Streetwear*. Uma nova estética que tem como fonte principal a pesquisa de comportamento. Através dessa conduta surgem constantes sinais de mudanças sociais que consecutivamente influenciam na moda. O estilo das ruas passa a ser um dos principais meios de expressão das décadas de 80 e 90. Segundo Bergamo (2007), no primeiro momento somente as pequenas indústrias confeccionavam roupas com o perfil específico utilizado pelo nicho de Rappers, porém com a expansão da música e da cultura Hip Hop, as roupas que esse nicho utilizava, passaram a ser chamadas de tendência. O que resultou numa inversão na pirâmide da moda, que não estava mais sendo influenciada de cima para baixo.

Segundo Polhemus (1994) a indústria da moda inevitavelmente se apropriaria do crescente estilo que vinha das ruas. E não é à toa que carregou o nome de *Street Style* (Estilo – Rua). De acordo com Treptow (2013) o efeito conhecido como *Bubble-up*<sup>4</sup> eleva numa escala social modelos de roupas, tendências e novidades que surgiram nas ruas, quando um grupo desenvolve um modo específico de se vestir e leva essas informações para toda a sociedade como tendências. A moda Hip Hop é um modelo que vem de baixo para cima, ela desencadeou um novo fluxo de consumo para as indústrias, possibilitando que aqueles que pertencessem a classes inferiores tivessem a liberdade de desenvolver sua própria identidade, não copiando as elites e sim se comportando da forma que lhes gerasse maior identificação.

### 3. Procedimentos Metodológicos

Na realização da pesquisa, quanto aos meios de investigação foi utilizado a pesquisa bibliográfica, e quanto aos fins de investigação se caracterizou como pesquisa descritiva que segundo Negrine (2004), se centra na descrição, análise e interpretação das informações colhidas durante o processo investigatório, tendo como objetivo compreender a influência do movimento social e cultural chamado hip hop para a população afro estadunidense. Utilizamos a pesquisa qualitativa para desenvolvermos a investigação.

---

<sup>4</sup> Bubble -up é o efeito da moda que vem de baixo, isso é: das pessoas comuns, nasce nos grupos culturais das ruas e ganha repercussão em toda a sociedade.

Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico em bases de dados como revistas, artigos, livros e trabalhos de conclusão de curso, além de documentários. Foram identificados os trabalhos que possuíam os temas relevantes para compor a pesquisa e separados por subgrupos de acordo com os temas centrais a serem abordados nesse trabalho. Através das fontes escritas, foi possível estabelecer um contato inicial com o objeto de interesse, conhecendo melhor o tema escolhido e suas particularidades. Esta etapa bibliográfica da pesquisa foi fundamental para compreender a história do negro no continente americano, permitindo relatar sua trajetória utilizando a moda como subsídio.

A segunda etapa foi a leitura minuciosa e análise dos conteúdos obtidos para a construção de cada tema abordado, eles serviram de objeto de análise do presente estudo que consistiu em um conjunto de informações coletadas e organizadas. "A análise de conteúdo é considerada uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema" (VERGARA, 2005, p. 15). Neste trabalho foi utilizada uma abordagem qualitativa para análise dos dados, por se tratar de uma pesquisa descritiva e também por possuir estudos sobre o assunto.

#### **4. Considerações Finais**

No decorrer do processo de desenvolvimento da pesquisa, como objetivo central buscou-se compreender a influência do movimento social e cultural chamado Hip Hop para a população afro estadunidense, e como essa população se apropriou do estilo e da moda Hip Hop para ditar sua própria estética na busca por representatividade. Foi de suma importância apontar a forte relação da música com a moda, ambas são consideradas expressões artísticas que representam conceitos que guiam o ser humano no processo de construção identitária.

Além disso, foi possível evidenciar que as sementes do Hip Hop se encontravam em outros movimentos que antecederam a década de 70, movimentos culturais e sociais que defendiam a liberdade da comunidade negra, o fim das leis de segregação, e direitos iguais para todas as raças. Através desses movimentos, surgiram nomes como Martin Luther King e Malcom X, e também o partido dos Panteras Negras. Esses movimentos foram construindo uma resistência, uma nova forma de se reconhecerem enquanto indivíduos negros, e a partir do surgimento do Hip Hop, os negros puderam voltar a se orgulhar das suas origens, se identificando com outros grupos, desenvolvendo uma nova interpretação positiva sobre si mesmo, aprendendo a amar aquilo que antes era símbolo de condições subalternas, como cabelo, nariz, lábios e cor. O movimento desencadeou o empoderamento da juventude negra e aliado ao Hip Hop difundiu a necessidade de tornar o vestuário um instrumento de resistência.

A abordagem voltada ao Hip Hop expôs a origem do movimento cultural urbano, o cenário caótico de gangues e marginalização que deu espaço aos primeiros aparecimentos desse fenômeno. Além da contextualização da história desde o surgimento até a disseminação, o Hip Hop desenvolveu braços para acolher a comunidade negra, cedendo diversos espaços para manifestações artísticas através dos seus elementos e segmentos. As vertentes que passeiam pelo canto do *Mc*, a mistura dos sons do *Dj*, a arte visual do *Graffiti* e a manifestação corporal através da dança, se tornaram um combo que influenciou diretamente o posicionamento social da juventude

negra que foi historicamente marginalizada e passou a se redescobrir, se aprofundar nos assuntos raciais e brigar pelos espaços de fala e por mais representatividade.

O alcance atingido pela subcultura nos meios de comunicação da época, chamou atenção para o estilo dos jovens adeptos ao movimento, o uso de símbolos como jaquetas jeans que carregavam artes feitas à mão para diferenciar integrantes de grupos e gangues, peças de numerações maiores causando o efeito de roupas largas, bonés, boinas, chapéus, tênis, moletom, calça de moletom, joias e ostentação foram marcas evidentes no vestuário da periferia, que posteriormente foi chamado de *Streetwear*. A juventude criou então um novo fluxo para a moda, dando oportunidade para as classes inferiores terem liberdade de criar sua própria identidade, uma inversão ocorreu na pirâmide da moda, o chamado efeito *Trickel Down*, que coloca as classes baixas como protagonistas. Para Waizbort (2008) essa inversão contraria a teoria de que para ascender era necessário imitar as elites consolidadas.

Por fim, é importante mencionar que o presente trabalho buscou apresentar as diferentes faces do Hip Hop no comportamento da sociedade afro estadunidense, e também a sua atuação no campo da moda. A moda Hip Hop traz consigo a essência da subcultura que ganha novos significados ao se desenvolver, ela associa o desejo de consumo com a busca por pertencimento e representatividade, ela emancipa os negros das modas limitantes para se expressarem com mais liberdade. O vestuário se tornou uma ferramenta extremamente necessária na construção da identidade dos grupos ligados ao Hip Hop, retratando a imagem visual que surgiu através das referências sonoras, e a sua influência direta na indústria da moda, criando novos nichos de consumidores interessados nas tendências que vem das ruas.

## Referências

ABRAMO, H. W. Juventude e cultura. **Revista Dito e Feito**. São Paulo: 2001.

ARTES. **Campeonato Hip Hop**. Disponível em: <<http://artes-performativas-ap.blogspot.com.br>> Acesso em 26 de julho de 2020.

Azevedo, A.M.G. (2000). **No ritmo do rap: música, cotidiano e sociabilidade negra**. São Paulo (1980-1997). Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.

BARROS, A. T.; JUNQUEIRA, R. D. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

BERGAMO, A. **A experiência do status: roupa e moda na trama social**. São Paulo: UNESP, 2007.

BRAGA, João. **Reflexões sobre moda, volume I**. In: BRAGA, João; NUNES, Mônica (Colab.). São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005a.

CALDAS, Dario. **Observatório de Sinais**. São Paulo: Senac, 2005.

CHANG, J. What are the infinity lessons? **Zulu Nation**, 2005. Disponível em: <<http://www.zulunation.nl/index.php/knowledge/zulu-nation/114-what-are-infinity-lessons>>. Acesso em: 25 de maio 2020. O site referencia o livro Can't Stop Won't Stop de Jeff Chang.

CALEFATO, P. **Across the Borders of Fashion and Music**. **Anglistica**, v. 13, n. 2, p.85–91, 2009.

COSTA, Maurício Priess. **A dança do Movimento Hip-Hop e o movimento da dança Hip-Hop**. *Anais do III Fórum de Pesquisa Científica em Arte – Escola de Música e Belas Artes do Paraná*. Curitiba, PR, 2005, p. 53-76.

CRANE, Diane. **A moda e seu papel social**. Classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

DOWNING, J. **Mídia Radical – rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Senac, 2001.

FASHION FORWARD. **Fresh Dressed: relação entre hip hop e moda é tema de novo filme documentário**. Disponível em: < <https://ffw.uol.com.br/noticias/cultura-pop/fresh-dressed-relacao-entre-hip-hop-e-moda-e-tema-de-novo-filme-documentario-357/>>. Acesso em 05 de agosto de 2020.

FERREIRA, Tania Maria Ximenes. **Hip hop e educação: mesma linguagem, múltiplas falas**. 2005. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

FRESH Dressed. Direção: Sacha Jenkins. CNN filmes. Estados Unidos, 2015. Documentário. 1 hora e 30 min.

FOCHI, M. A. B. **Cultura hip hop e marcas alternativas: a presença da ideologia e das estratégias mercadológicas**. São Paulo, Faculdade Cásper Líbero, 2006. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Mercado.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GETTYIMAGES. **Afrika Bambaataa**. Disponível em: <<https://www.gettyimages.com.br/fotos/afrikabambaataa?family=editorial&phrase=afrika%20bambaataa&sort=mostpopular>>. Acesso em 01 de agosto de 2020.

GEREMIAS, Luiz. **A fúria negra ressuscita: as raízes subjetivas do hip-hop brasileiro**. 2006.156 f.

HERSCHMANN, M. (org). **Abalando os anos 90: funk e Hip Hop**. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

HUFFPOST. **An Illustrative Identity of Fashion and Style Throughout African-American History and Movements**. Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/daniellejames/theillustrativeidentity\\_b\\_6519244.html](http://www.huffingtonpost.com/daniellejames/theillustrativeidentity_b_6519244.html)>. Acesso em 25 de julho de 2020.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena/** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

JOY, D.; GOFFMAN, K. **Contracultura através dos tempos**. Rio de Janeiro: Editouro, 2007.

KITWANA, Bakari. **The HIP-HOP generation: young Blacks and the crisis in African American Culture**. New York, USA: Basic Civitas Book, 2002.



- LEAL, Sérgio José Machado. **Acorda HIP – HOP: despertando um movimento em transformação**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- Marcuse, H. (1990). "**A arte na sociedade unidimensional**". Em L.C. LIMA, (Org.), Teoria da cultura de massas. (pp.245-256). (L. Mourão & L. C. Lima, trads.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MAILER, N. **The White Negro**. San Francisco: City Lights, 1957.
- NEGRINE, A. **instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa**. In: MOLINA NETO, V; TRIVINOS, A. N. S. A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- NOROGRANDO, Rafaela; BENETTI, Alfonso. **Moda, Música & Sentimento**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016. 368 p.
- PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O livro vermelho do hip-hop**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, USP, 1997.
- POLHEMUS, T. **Streetstyle: from the sidewalk o the catwalk**. London: Thamesand Hudson,1994.
- POSSEL, Mônica Cristina. **Moda na música: criação de website para interação entre duas tribos urbanas**. UNIVILLE. Santa Catarina, 2009.
- RECKZIEGEL, Ana Cecília de Carvalho. **Dança de rua: lazer e cultura jovem na Restinga**. 2004. 198 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- RICHARD, B. **HIP HOP: Consciência e atitude**. São Paulo: Livro pronto, 2005.
- ROMERO, E. **FreeStylin´ how hip hop changed the fashion industry**. Connecticut: Praeger, 2012.
- QUITILIANO, Rachel. **Arte, movimento e atitude**. Disponível em: Acesso em 05 de março de 2002.
- SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- SOUZA, Gustavo. **Culturas urbanas periféricas no documentário brasileiro: funk, hip-hop e samba**. II ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2006.
- SOUZA, Gustavo. **Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento hip hop**. Animus: Revista interamericana de comunicação midiática / Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais Humanas. - Vol. III n 2 Santa Maria, NedMídia, 2004.
- STOWERS, Cory L. **Puttin´in work: searching to find public name writing´s lost working class roots**. *Words, Beats and Life - The Global Journal of Hip-Hop Culture*. Washington D.C, USA, fall/winter, 2012, v.5, n.1, p. 90-100.
- SVEDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges – Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- TREPTOW, Doris. **Inventando moda: planejamento de coleção**. 5 ed. São Paulo: Doris Treptow, 2013.

VERGARA, S.C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VIANNA, Hermano. **Entregamos o ouro ao bandido**. Revista Raiz, Rio de Janeiro, v. 1, p.1-2, 2006.

\_\_\_\_\_. **"O baile funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos"**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, Museu Nacional, 1987.

WAGNER, Chistiane. Zeitgeist,. **O espírito do tempo – Experiências estéticas**. Rev. Cult. e Ext. USP, São Paulo: Editora Universidade de Campinas. Instituto Belas Artes, n. 12, p. 21-29, nov. 2014.

WAIZBORT, L. George Simmel sobre a Moda- Uma Aula. **IARA- Revista de Moda, Cultura e Arte**. São Paulo- v. 1 n.1 abr./ago. 2008.

WILSON, E. **Enfeitada de sonhos: moda e modernidade**. Lisboa: Edições 70, 1989.